

PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS PIONEIRAS NO LITORAL NORTE GAÚCHO (1960-1970)

Natália Machado Mergen¹
Pedro Ignácio Schmitz²

RESUMO

O trabalho reúne os dados disponíveis no acervo do Instituto Anchieta de Pesquisas sobre sítios registrados nas décadas de 1960 e 1970 por diferentes pesquisadores, nos municípios de Osório, Xangri-Lá, Imbé, Capão da Canoa, Torres, no Rio Grande do Sul e Balneário Gaivota, no sul de Santa Catarina e os põem em contexto com as outras pesquisas da área. Estes sítios e amostras de material ainda não tinham sido objeto de descrição e análise. Os sítios e materiais vêm tanto de ocupações pré-cerâmicas reconhecidas como sambaquis e pontas de projétil da Tradição Umbu, quanto de ocupações ceramistas das tradições Taquara e Tupiguarani. Também estão presentes materiais históricos, como contas de colar e cerâmicas de procedência colonial ou metropolitana. Estas amostras compõem um panorama arqueológico diversificado para a planície litorânea, ligado a diferentes momentos de ocupação por populações culturalmente distintas.

Palavras-chave: Litoral, Sambaqui, Pontas de projétil, Cerâmica.

ABSTRACT

The paper brings together data preserved in the archives of the Instituto Anchieta de Pesquisas about sites visited in the decades 1970 and 1980 by archaeologists in the counties Osório, Xangri-lá, Imbé, Capão da Canoa, Torres in the State of Rio Grande do Sul, as well as in Balneário Gaivota in South Santa Catarina; and contextualizes the data with other investigations in the area. They had not yet been described and analyzed. The sites and materials derive from pre-ceramic occupations of shell mounds and Umbu tradition occurrences, as well as from Taquara and Tupiguarani ceramic settlements. There are, also, historic materials like necklace beads and ceramics of colonial and metropolitan provenience. These samples conform a diversified panorama of the coastal plain occupation by culturally different populations, in various chronological moments.

Key Words: Costal plain, Taquara, Tupiguarani.

INTRODUÇÃO

No Instituto Anchieta de Pesquisas existem registros de sítios e materiais arqueológicos do Litoral Norte gaúcho e do Litoral Sul catarinense, resultantes de pesquisas feitas por diferentes pesquisadores nas décadas de 1960 e 1970. O objetivo deste artigo é recuperar a informação, organizá-la e produzir uma prévia descrição desses sítios e do material para colocá-los em

¹ Doutoranda em História na UNISINOS. e-mail: natalia.mergen@gmail.com

² Professor na UNISINOS, pesquisador sênior do CNPq. E-mail: anchieta@unisinis.br

contexto com as outras pesquisas da área. Os sítios e as amostras não tiveram publicação anterior, com exceção de pequeno trabalho de Pedro Ignácio Schmitz, em 1958.

Há sítios e materiais atribuídos aos Sambaquis (quebra-coquinhos), à Tradição Umbu (pontas de projétil) e às tradições Taquara e Tupiguarani (cerâmica). Ocorrem também cerâmicas e outros materiais de procedência colonial ou europeia (cerâmica, contas de vidro e cachimbos).

Os dados sobre os sítios provêm das fichas de 'Registro dos Sítios Arqueológicos do Rio Grande do Sul', da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo, que eram encaminhadas pelos pesquisadores à SPHAN-Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A identificação dos sítios é formada pela abreviatura do Estado e o número da sequência em que foram encontrados (p. ex. RS-99). As amostras de material são da reserva técnica do Instituto Anchietano de Pesquisas e levam o número que as identifica no catálogo da reserva técnica.

A divulgação deste material pode complementar pesquisas na área e oferecer informações sobre sítios e materiais hoje difíceis de encontrar devido à intensa urbanização da região.

PESQUISAS NO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

Neste litoral as pesquisas arqueológicas iniciaram no final do século XIX com atuações de Carlos von Koseritz (1884, 1928), Hermann von Ihering (1895), Theodor Bischoff (1928) e, posteriormente, com novos enfoques, por Antonio Serrano (1937, 1972) e Ascânio Ilo Frediani (1952). Nesta época, Ihering já identificava a existência de "antigos povos", que habitavam os Sambaquis que "davão caça a peixes marinhos na costa e em suas enseadas, especialmente as espécies que frequentavam as barras dos rios" (Ihering, 1895: 117) e buscava explicar as relações de construção e ocupação dos sítios na planície litorânea, inclusive considerando os diferentes níveis do mar ao longo do tempo. José J.J. Proenza Brochado (1969) fez uma síntese dos resultados destes primeiros trabalhos.

Em 1958 Pedro I. Schmitz publicou uma descrição de sítios e materiais do município de Osório e Capão da Canoa. Naquela época a Tradição Taquara ainda não tinha sido definida, apesar de Schmitz (1958) já identificar muitas diferenças dela em relação à cerâmica Tupiguarani. Estes materiais serão retomados no presente trabalho.

A partir de 1964 ocorreram vários levantamentos arqueológicos e algumas escavações, que eram financiados pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Estes levantamentos foram realizados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo e pelo Instituto Anchietano de Pesquisas. Os sítios e as amostras de material relacionados no texto pertencem aos levantamentos realizados na época. No período também era comum veranistas formarem coleções, que iam parar em museus, algumas até na reserva técnica do Instituto Anchietano de Pesquisas. O zoolito do Sambaqui de Xangri-Lá, analisado por Pedro A. Mentz Ribeiro (1982), por exemplo, foi obtido nesta situação.

Em 1965 teve início o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa). Durante o Pronapa, Eurico Th. Miller (1966,1967) identificou, na região nordeste do Estado, sítios em Torres, Osório e Tramandaí e realizou escavações no Sambaqui de Xangri-Lá. Em trabalho de 1981, Olivia Werlang fez o levantamento dos sítios pesquisados por Miller que estão no MARSUL (Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul), em Taquara e identificou 40 sítios para o Litoral Norte. Destes, 11 possuem cerâmica Taquara nas camadas superiores e Tupiguarani nas inferiores; 21 possuem apenas cerâmica Taquara; 4 apenas cerâmica Tupiguarani; um sítio possui pontas da Tradição Umbu; e três não têm filiação. Em 2014, Mariana A. Neumann fez o estudo da cerâmica guarani do Litoral Norte a partir das vasilhas inteiras recolhidas por Miller ao MARSUL.

Posteriormente, Schmitz e outros pesquisadores fizeram levantamentos e prospecções no município de Torres. Artefatos líticos e remanescentes faunísticos vindos do Sambaqui de Torres e do sambaqui de Itapeva foram estudados por Arno A. Kern (1970).

Na década de 1980, Kern escavou sítios em Torres, treinando alunos numa escola-de-campo. Ele destaca as diferenças existentes entre os remanescentes faunísticos e a permanência das características dos artefatos ao longo do tempo (Kern, 1984, 1985; Kern; La Salvia; Naue, 1985). Tocchetto (1987) apresentou um panorama de inserção ambiental desses sítios. Jacobus e Gil (1987), Gazzaneo, Jacobus e Momberger (1989) e Rosa (1996), realizaram análises zooarqueológicas. Kern (1996) publicou uma síntese do povoamento do município de Torres, evidenciando um processo de longa duração. Além destes trabalhos, Kern (1989, 1991) publicou sínteses do conhecimento existente sobre os pescadores e coletores do Litoral Norte, destacando as mudanças na paisagem ao longo do tempo e os padrões culturais dos artefatos. Thadeu, em 1995, retomou o sítio de Itapeva para sua Dissertação de Mestrado.

Em 1994, Sérgio Leite (1995), num projeto acadêmico e didático, realizou coleta de materiais no sítio que erroneamente denominou RS-LN-01, em Osório, onde recuperou 5.746 fragmentos de cerâmica Tupiguarani e 25 peças líticas, além de conchas e ossos. RS-LN-01 é a sigla do abrigo Cerrito Dalpiáz, escavado por Eurico Th. Miller (1969).

Hilbert et al. (2000), Oliveira et al. (2003) e Monticelli et al. (2004) executaram trabalhos arqueológicos relacionados a rodovias da área, o primeiro na RS-486, as duas outras arqueólogas na BR-101.

Na sua dissertação de mestrado, Gustavo P. Wagner (2004) estudou sítios de horticultores ceramistas da região; em 2014 ele reelaborou os dados da dissertação. Em sua tese de doutorado Wagner (2009) pesquisou os sambaquis locais numa perspectiva geoarqueológica, identificando as transformações geológicas e arqueológicas dos sítios.

Jairo H. Rogge e Pedro I. Schmitz (2010) pesquisaram os sítios do município de Arroio do Sal, que resultaram numa extensa descrição; estudos de zooarqueologia foram produzidos por Ferrasso, Rogge e Schmitz (2013).

Jussara L. Becker, morando longos anos na região, fez registro de todo tipo de sítios do Litoral Norte (2007, 2008) e reuniu variados objetos; a documentação e o material estão depositados no Instituto Anchieta de

Pesquisas. Deles resultaram trabalhos de Schmitz e Sandrin (2009) sobre uma aldeia Tupiguarani, de Schmitz e Ismael Raupp (2013) sobre um sítio da tradição Vieira, e de Natália M. Mergen e Schmitz (2013) sobre um pioneiro sítio colonial no município de Três Cachoeiras.

Em 2016 Tainara M. Machado retomou o tema do Guarani na região e organizou as fichas deixadas por Jussara L. Becker.

As pesquisas contribuíram para a compreensão do processo de povoamento da região, que pode ser sintetizado da seguinte forma:

Inicialmente ocorreu presença ocasional de populações pré-cerâmicas caçadoras e coletoras que utilizavam pontas de projétil; elas tinham assentamentos milenares na encosta do planalto. Esta ocupação foi seguida por uma de pescadores e coletores que construíram sambaquis.

Posteriormente, chegaram à planície populações ceramistas da tradição Vieira, com datas de 1.430 anos A.P. (Schmitz; Raupp, 2013), da tradição Taquara por volta do século IX da nossa Era e dos horticultores da tradição Tupiguarani ao redor do século XV de nossa Era.

A partir do século XVI o espaço foi intensamente explorado por paulistas em busca das populações guaranis, e de jesuítas em busca da missionação desses mesmos índios. A seguir, cruzou o local o caminho de gado que vinha da região de Montevidéu, R.O. do Uruguai e terminava em Sorocaba, SP. Finalmente, aí se instalaram os primeiros estancieiros provenientes de Laguna/SC e os agricultores familiares transferidos dos Açores.

Este é o panorama no qual se encaixam os sítios e materiais apresentados no trabalho.

O AMBIENTE E OS SÍTIOS

Os sítios arqueológicos estudados localizam-se na Planície Costeira do Rio Grande do Sul, com exceção de uma amostra de cerâmica Taquara, vinda do sul de Santa Catarina, mas que possui as mesmas características das encontradas no litoral gaúcho. Os sítios estão todos próximos à água das várias lagoas e entre dunas da região (Figura 1).

Os sítios registrados são RS-04, 08, 13, 95, 97, 98, 99, 100, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207.

Os materiais analisados são dos sítios RS-04, 08, 13, 95, 98, 99 e 201-203, além de três amostras que não possuem referência a um sítio descrito.

primeiro se constitui de rochas antigas nas quais se assentam os pacotes sedimentares que se acumularam na Bacia de Pelotas; a maior parte deste embasamento pertence ao Escudo Sul-Rio-Grandense, integrante da Plataforma Sul-Americana. A Bacia de Pelotas está relacionada com os fenômenos geotectônicos da abertura, a partir do período Jurássico, do Oceano Atlântico Sul e da ruptura do bloco continental gondwânico, que culminou na separação dos continentes africano e sul-americano.

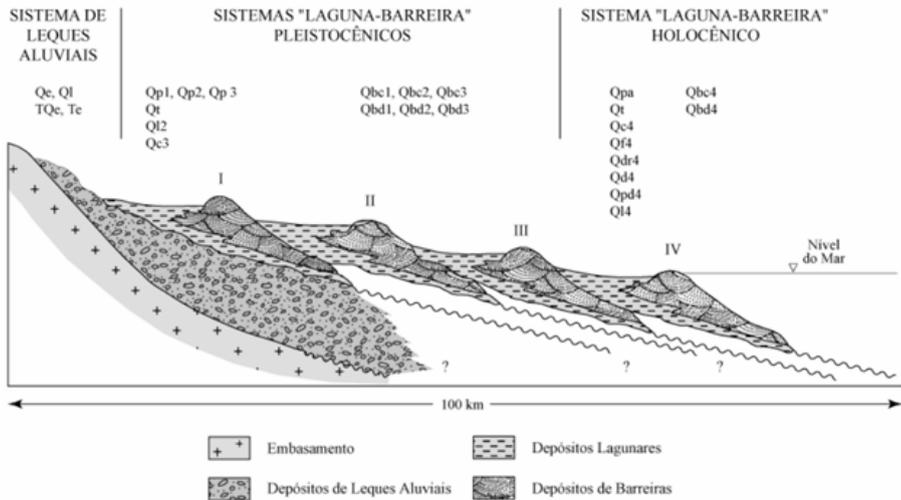


Figura 2. Perfil esquemático (W-E) transversal dos sistemas deposicionais da Planície Costeira do Rio Grande do Sul com suas fácies sedimentares associadas. Fonte: Tomazelli; Villwock, 2005.

O sistema deposicional dos leques aluviais envolve as fácies sedimentares que estão ligadas às encostas adjacentes à planície costeira (Te, TQe, Qe, Ql). Estas fácies envolvem tanto depósitos vindos de processos gravitacionais de queda de blocos, rastejamento e fluxo de detritos (talus, eluviões e coluviões) quanto depósitos transportados e depositados em meio aquoso (aluviões). O início deste sistema deposicional na Planície Costeira ocorreu no final do Terciário, persistindo, em menor intensidade, até hoje, variando ao longo do tempo devido às variações climáticas e suas implicações nas taxas de precipitação e no desenvolvimento da cobertura vegetal. O Sistema Depositional Laguna-Barreira I é o mais antigo da Planície Costeira e surgiu como resultado do primeiro evento transgressivo-regressivo pleistocênico; o sistema Barreira II surgiu do segundo evento transgressivo-regressivo pleistocênico; o sistema Barreira III está associado ao terceiro evento transgressivo-regressivo pleistocênico; o sistema Barreira IV surgiu durante o Holoceno, devido à última grande transgressão pós-glacial e representa o sistema deposicional mais recente da Planície Costeira (Tomazelli; Villwock, 2007, 2005).

Os sambaquis da região, datados entre 3.500 e 3.000 A.P., assentam diretamente sobre a barreira IV. Os grupos ceramistas da Tradição Taquara e da Tradição Tupiguarani são posteriores a esta formação. Para as pontas de projétil isoladas e as encontradas em sítio com cerâmica de ambas as tradições ceramistas não há como relacioná-las com a formação geológica por terem sido recolhidas em superfície entre dunas movidas pelo vento. Na encosta do planalto, que fecha a planície litorânea a oeste, existe o abrigo Cerrito Dalpiaz (RS-LN-01) frequentado milenarmente por caçadores e coletores da Tradição Umbu (Miller, 1969); seus ocupantes podem ter realizado excursões à planície litorânea deixando para trás artefatos isolados e vestígios de acampamentos.

RS-04, sambaqui de Atlântida

Segundo ficha de P.I. Schmitz de 26.02.1965, o sítio “Sambaqui de Atlântida” localizava-se no atual município de Xangri-Lá³. Por ocasião do primeiro registro, em 1965, o sambaqui estava em meio a dunas, possuía 76 x 73 m de diâmetro. A camada de conchas do sítio era maior que 8 m, sendo formada por um “monte de conchas estratificadas, entremeadas de camadas de areia; as camadas de conchas ora são misturadas com carvão e cinzas, ora são claras [...] na parte norte do sítio foram encontrados esqueletos humanos e animais”.

Na oportunidade, Pedro Ignácio Schmitz e Paulo Xavier, então Secretário da Cultura do Rio Grande do Sul, realizaram uma prospecção a fim de evidenciar as camadas do sambaqui. A área do sambaqui (Figura 3) estava sendo loteada para urbanização sem que o sítio fosse diretamente atingido. Em fevereiro de 1965, em consequência de um artigo publicado no jornal *O Correio do Povo*, “foi despertada a atenção dos veranistas, que começaram a devastar o sambaqui, cavando principalmente no cabeço norte, onde apareceram diversos esqueletos. Em consequência o sambaqui foi interditado e colocada guarda para proteger o lugar e se tomar alguma medida eficiente de estudo ou proteção”. Há informações de que, nos anos anteriores à intervenção, por volta de 1959, o “sr. Júlio Petersen [coleccionador] tem retirado de lá bastantes esqueletos, como também cerâmica guarani. Segundo informações do povo, há uns 25 anos que se vem recolhendo material do sambaqui”.

O material arqueológico encontrado seriam fragmentos cerâmicos simples e ponteados, lascas e um batedor, além de três crânios, que foram doados por um veranista a Eurico Th. Miller, levados para a Escola Técnica Industrial, em Taquara e depois incorporados ao MARSUL. O material existente no IAP (número de catálogo 141) consiste em dois artefatos líticos (Figura 4), onze plaquetas basálticas sem sinais de uso, cerca de 130 fragmentos faunísticos que não foram analisados e um fragmento cerâmico da Tradição Tupiguarani.

A amostra de número 8 do catálogo do antigo Museu Riograndense de Ciências Naturais (MRCN), possui 5 fragmentos de borda e 19 fragmentos gerais da Tradição Taquara, que são desta visita.

³ Na época do registro, o sítio localizava-se no distrito de Capão da Canoa, município de Osório. Xangri-Lá se emancipou de Capão da Canoa em 1992.

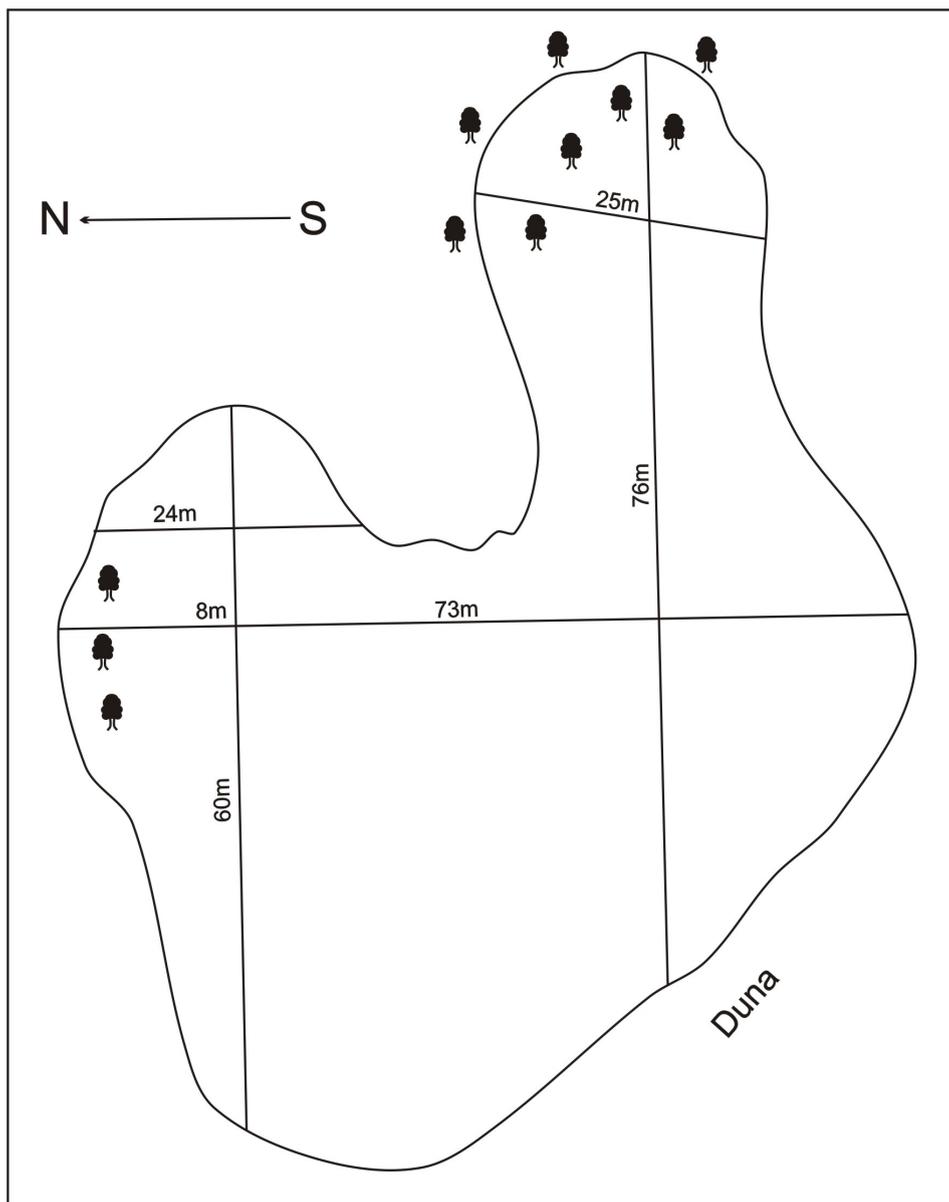


Figura 3. Sítio RS-04, Sambaqui de Atlântida. Fonte: reproduzido de croqui (escala 1:400) feito por Schmitz em 26/02/1965.

Na mesma época Miller (MARSUL), que identificou o sítio como RS-LN-19, fez nele uma escavação que atingiu 100 cm de profundidade; nos primeiros níveis havia cerâmica Taquara, os outros eram pré-cerâmicos, cuja idade pode ser considerada semelhante à de outros sambaquis da barreira IV, isto é, entre

3.500 e 3.000 anos A.P. O material resultante da intervenção foi recolhido ao MARSUL sob os números 562 a 584 (Werlang, 1981).

Posteriormente, Mentz Ribeiro (1982) publicou um zoófito proveniente do sítio que comprova seu caráter de sambaqui e também menciona encontro de fragmentos cerâmica Taquara e Tupiguarani.

Arno A. Kern (1985) fez no sítio uma escola-de-campo arqueológica, com escavações maiores, que revelaram ocupações pré-cerâmicas e também cerâmica Taquara e Tupiguarani localizadas

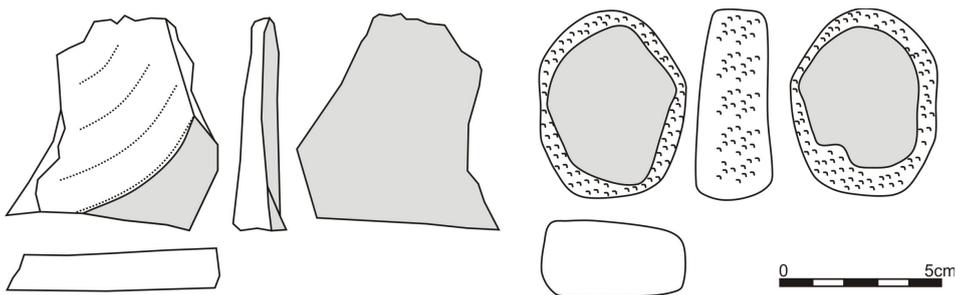


Figura 4. Artefatos líticos recolhidos no sítio RS-4. Fonte: produzido pelo primeiro autor

RS-08, assentamento cerâmico Romário Marques Machado

Segundo ficha de Schmitz, de 26.03.1965, o sítio RS-08 localizava-se na Fazenda do Arroio, de Romário Marques Machado, no município de Osório. Media cerca de 50 m de diâmetro e 1 m de profundidade arqueológica (Figuras 5, 6 e 7). Hoje este espaço pertence ao Parque General Osório, junto à rodovia que vai da cidade de Osório à cidade balneária de Tramandaí.

Desde os anos de 1957, 1958 e 1959, Pedro Ignácio Schmitz, junto com o botânico Balduino Rambo, realizou alguma coleta superficial. Em março de 1965, Schmitz realizou inspeção na área e coleta em superfície de materiais líticos e cerâmicos; em maio do mesmo ano fez prospecção, croquis e fotos do sítio. Em 1958 divulgou estes dados.

O sítio estava junto à Lagoa dos Índios em dunas movediças e na área ocorria “cerâmica dita guarani em grande quantidade, cerâmica ponteadada e beliscada, estampada, denominada provisoriamente de sambaquiiana por se encontrar frequentemente em sambaquis próximos [atualmente é atribuída à fase Taquara da Tradição Taquara]; regular quantidade de pontas de flechas de tipos diversos; alguns artefatos de pedra lascada rudemente”.

Em alguns pontos ainda estava preservada a estratigrafia original. O solo foi descrito como areia de cor cinza, os arredores dele como areia de cor clara e sofrendo ação erosiva do vento. Todo o material arqueológico foi encontrado na superfície do solo; nas áreas sem erosão não foi encontrada cerâmica. Nos pontos mais erodidos ocorria terra vermelha, em algumas situações ela possuía leve cobertura de areia; já nos pontos não erodidos ocorria terra escura de tonalidade azulada.

Nas áreas 1 e 5 do croqui (Figura 7) foi encontrada somente cerâmica Tupiguarani, amostras 1a, 1b e 5, de 1,5 m x 2 m cada uma. Na área 2 foi encontrada cerâmica Tupiguarani junto com cerâmica Taquara, naquele momento denominada sambaquiana: a amostra 2a foi de coleta sistemática, a amostra 2b de coleta assistemática. Na área 3, em coleta sistemática, foi encontrada apenas cerâmica Taquara. Na área 4 foram evidenciados núcleos, lascas e artefatos líticos lascados, sem ocorrência de cerâmica; neste local foram recolhidos apenas os materiais considerados mais significativos. A ocorrência das pontas de projétil não foi definida.



Figura 5. Sítio RS-08, área 1 e área 2b. Fonte: Foto de Schmitz (15/05/1965).



Figura 6. Sítio RS-08, cerâmica descoberta pelo vento. Fonte: Foto de Schmitz (15/05/1965).

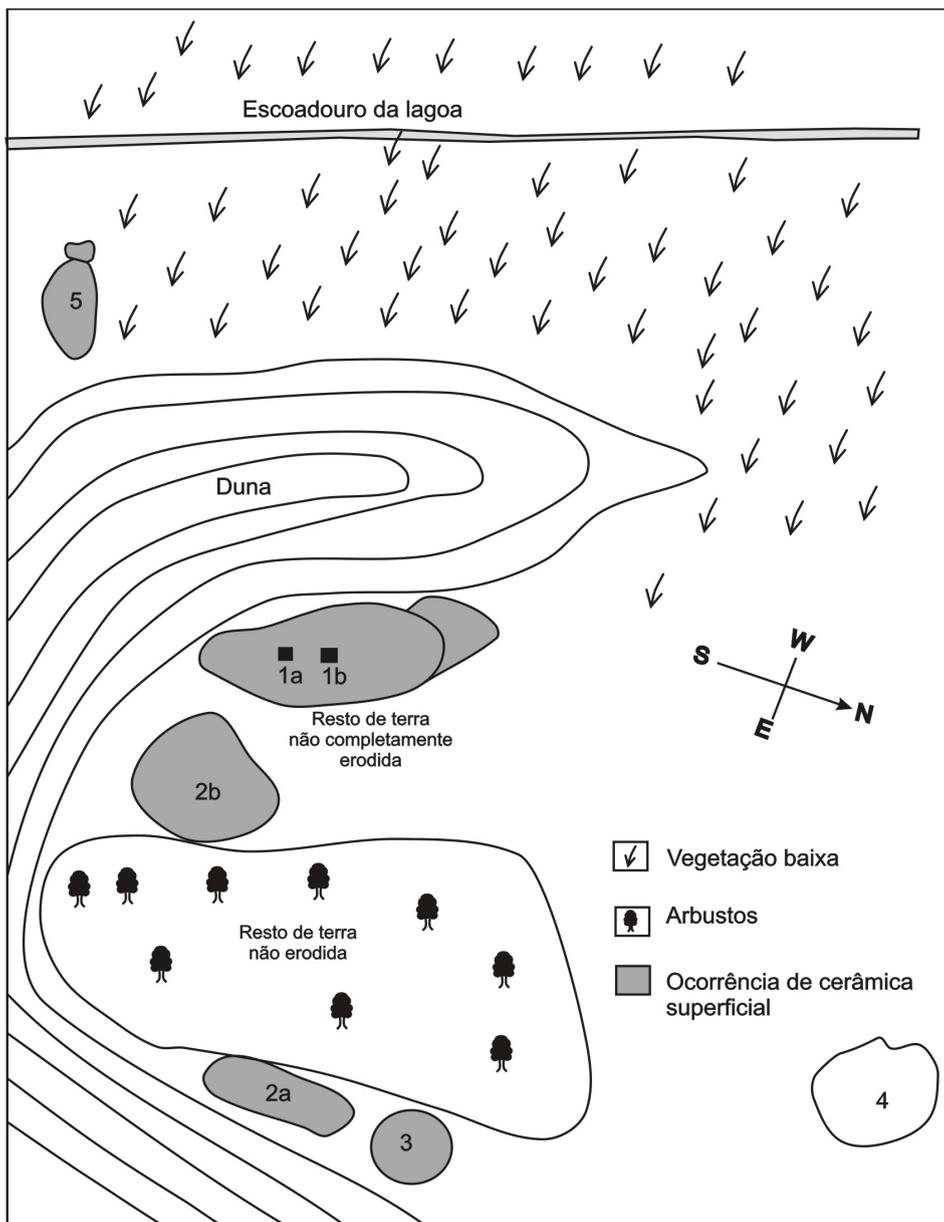


Figura 7. Áreas de coleta de materiais do sítio RS-08. Fonte: reproduzido de croqui (escala 1:1000) feito por Schmitz em 15/05/1965.

O material arqueológico recuperado no sítio e sob a guarda do IAP (Tabela 1) é proveniente de 10 amostras diferentes; consiste em cerâmicas das tradições Taquara (Figura 18) e Tupiguarani (Figura 19), instrumentos líticos (Figura 16), 13

pontas de projétil (Figura 17), 8 contas de colar, 1 “pederneira” lítica e 3 cachimbos (Figura 21).

Tabela 1. Material arqueológico do sítio RS-08

Catálogo IAP	Área de coleta	Material
01	Superfície	Cerâmica Taquara
21	Superfície 1a	Cerâmica Tupiguarani / Lítico
22	Superfície 1b	Cerâmica Tupiguarani / Lítico
23	Superfície 2a	Cerâmica Tupiguarani e Taquara / Lítico
24	Superfície 2b	Cerâmica Tupiguarani e Taquara / Lítico
25	Superfície 3	Cerâmica Tupiguarani e Taquara / Lítico
26	Superfície 4	Lítico
27	Superfície 5	Cerâmica Tupiguarani
28	Superfície 1 misturado	Cerâmica Tupiguarani / Lítico
129	Superfície geral	Pontas/Contas/Cachimbos

Fonte: produzido pelo autor.

A amostra de cerâmica da Tradição Taquara (Figuras 18) é formada por 292 fragmentos do corpo e 45 de bordas; os fragmentos de bordas formam 23 unidades de vasilhas.

A cerâmica da Tradição Tupiguarani (Figuras 19) é composta por 1.382 fragmentos do corpo e 117 fragmentos de bordas; os fragmentos de bordas formam 59 unidades de vasilhas. Na amostra 25 existem duas massas preparadas de cerâmica.

Entre os materiais líticos constam: na amostra 21, uma lasca de calcedônia (1,7 cm); na amostra 22, seis fragmentos de arenito sem sinais de uso; na amostra 23, três fragmentos sem sinais de uso e um fragmento de quartzo; na amostra 24, dez lascas com até 5 cm, uma lasca de quartzo com marcas de retiradas e treze fragmentos sem sinais de uso; na amostra 25, cinco fragmentos; na amostra 26 ocorreram apenas artefatos líticos; e na amostra 27 existem dois fragmentos.

No sítio há materiais de culturas diferentes: de caçadores e coletores pré-cerâmicos da tradição Umbu, de ceramistas da tradição Tupiguarani e da Tradição Taquara, além de elementos coloniais. A suposição é de que eles não estivessem associados, mas sobrepostos e misturados pela ação do vento. A cerâmica Tupiguarani está em todas as amostras e pode identificar uma aldeia do grupo. A cerâmica Taquara está restrita às amostras 2a, 2b e 3 do centro do sítio; ela pode tanto identificar uma aldeia do grupo no mesmo lugar do assentamento Tupiguarani, quanto a convivência de famílias das duas etnias naquele assentamento, hipótese para a qual, entretanto, há poucos indícios empíricos. A distribuição dos demais elementos não foi controlada.

Os pré-ceramistas costumam ser os mais antigos, a Tradição Tupiguarani, no litoral, costuma ser anterior à Tradição Taquara (segundo catálogo do MARSUL de Werlang, 1981), o material colonial, ligado à predação de Guaranis pelos paulistas. A pergunta para a qual não se tem resposta é se a presença de elementos tão díspares no mesmo lugar se deve a uma casualidade, ou se representa um ponto de convergência humana, como poderia ter sido um posto

de intercâmbio ou de predação indígena bandeirante, ou mesmo o começo de uma missão jesuítica.

RS-13, sambaquis de Curumim

Segundo ficha de P.I. Schmitz, de 29.12.1964, o sítio conhecido como “Sambaqui Lídio Marques” ou “Sambaqui dos Quadros”, estava localizado na praia de Curumim, atual município de Capão da Canoa⁴. No momento do registro o Sambaqui possuía 100 x 35 m de diâmetro e 1,50 m de altura e uma camada de conchas que oscilava entre 20 e 30 cm de espessura.

Schmitz realizou coleta de superfície, medição e pequenos cortes experimentais, identificando “camadas de conchas friáveis de cor cinza em várias tonalidades”. Do sambaqui restava pequena porção, em consequência da retirada, no ano anterior, de conchas para calçamento das estradas do balneário de Curumim. No acervo do IAP, sob o número 136 do catálogo, existem dois artefatos líticos (Figura Erro: Origem da referência não encontrada8).

Segundo as informações existentes no catálogo de sítios, existem outros dois sambaquis na praia de Curumim (sítios RS-12, ficha de P.I. Schmitz de 28.12.1964 e RS-14, ficha de P.I. Schmitz de 29.12.1964) registrados como “Sambaqui Lídio Marques”, entretanto, estes não possuem material arqueológico sob a guarda do IAP.

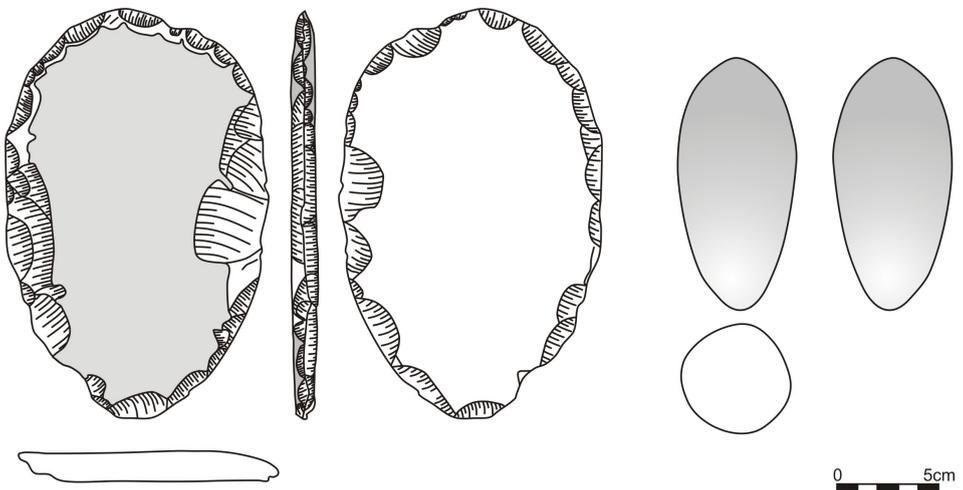


Figura 8. Material lítico recolhido no sítio. Fonte: produzido pelo primeiro autor.

RS-95, sambaqui de Santa Terezinha

Segundo ficha de P.A. Mentz Ribeiro, de 12.02.1966, o sítio RS-95, “Sambaqui de Santa Terezinha”, está localizado no Balneário de Santa

⁴ Na época do registro, a área do sítio localizava-se no distrito de Capão da Canoa, pertencente ao município de Osório. A emancipação do município de Capão da Canoa ocorreu em 1982.

Terezinha, atual município de Imbé⁵. Ele era formado, então, por dois sambaquis (Santa Terezinha 1 e 2) e foi pesquisado por Pedro Augusto Mentz Ribeiro e Elton Krause em fevereiro de 1966 (Figura 9).

O sambaqui 1 possuía 400 m² de área, 1 m de espessura estratigráfica e 1,5 m de altura; o sambaqui 2 possuía 300 m² de área, 1,5 m de espessura e 2 m de altura com relação ao entorno. Os sambaquis estavam entre dunas, cobertos por vegetação de gramíneas e numa várzea, próxima ao rio Tramandaí e à lagoa. O material foi recuperado através de coleta sistemática superficial e constitui-se de “cerâmica Osório [Taquara], pontas, machados, ossos animais e humanos, conchas, ossos de peixes, grande quantidade de pedras, a maior parte sem indicação de trabalho ou uso. Antigamente eram encontradas painéis inteiros, segundo informação da proprietária” do terreno.

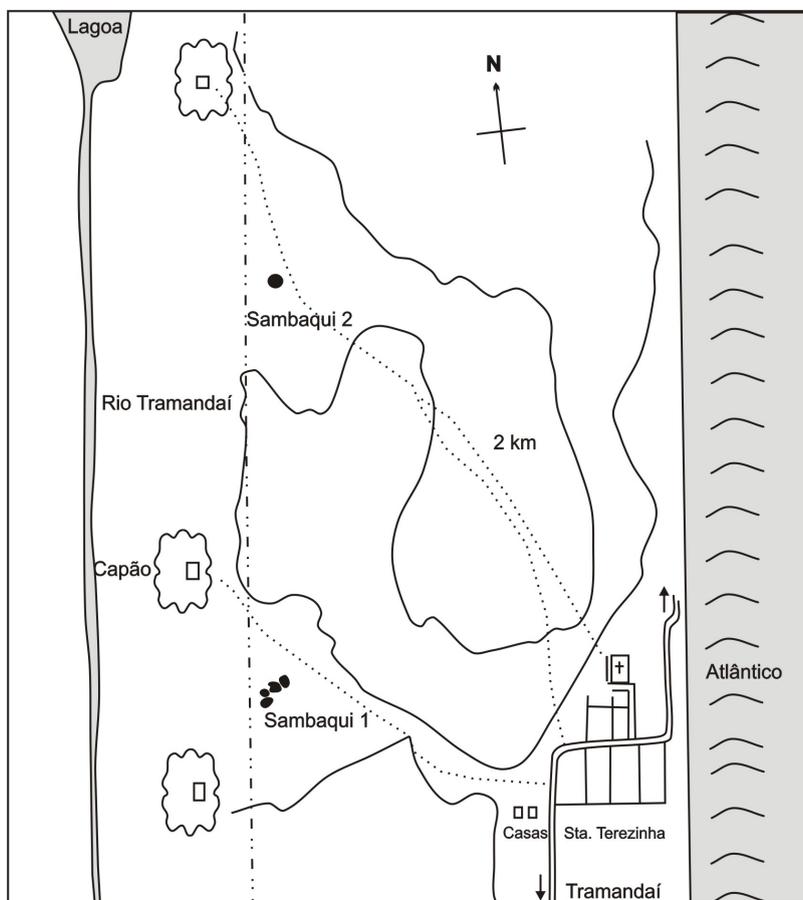


Figura 9. Croqui do sítio RS-95. Fonte: reproduzido de croqui feito por Mentz Ribeiro em 12/02/1966.

⁵ Na época de registro do sítio, o mesmo pertencia ao distrito de Tramandaí, em Torres. Imbé tornou-se município em 1988.

No material armazenado no IAP (número 78 do catálogo), existem 18 fragmentos cerâmicos de bordas e 151 fragmentos de corpo da Tradição Taquara; da Tradição Tupiguarani existem 9 fragmentos de bordas e 221 fragmentos de corpo.

Posteriormente Jussara Louzada Becker realizou coleta sistemática no Sambaqui Santa Terezinha 1 (RS-LN-66) em quadrículas de 4m² e um corte estratigráfico da mesma medida, material que está na reserva técnica do IAP, sob os números 2074 a 2117.

No Santa Terezinha 2 (RS-LN-67) fez coleta superficial e um corte de 4 m²; no cat. IAP o número do material é 2118.

RS-97, sambaqui de Santo Anjo da Guarda

Segundo ficha assinada por P.I. Schmitz, J.P. Brochado, M. Bombin e I.I. Basile Becker, de 24.07.1966, o sítio RS-97 era um sambaqui sujo localizado no município de Torres, sobre alto barranco, entre a Lagoa de Itapeva da qual dista uns 100 m, e a BR-101 na entrada para o lugar chamado Santo Anjo da Guarda. Dele haviam sido retiradas conchas para fabricação de cal; em 1966, a espessura da camada era de 75 cm. Os arqueólogos delimitaram e mediram o sítio, realizaram dois cortes estratigráficos, nos quais recuperaram quebra-coquinhos, ossos, conchas, sementes e coquinhos calcinados; também havia muitas colunas de basalto de secção retangular ou triangular, que não foram recolhidas.

O material foi levado para o Gabinete de Arqueologia da UFRGS.

RS-98, sambaqui Paradeiro de Torres

Segundo ficha assinada por P.I. Schmitz, J.P. Brochado, M. Bombin e I.I. Basile Becker, de 24.07.1966, o sítio conhecido como “Paradeiro de Torres” localizava-se no município de Torres, junto à praia da Cal. O sítio estava perto da Lagoa do Violão, em meio a vegetação herbácea e consistia em “pequenas camadas de areia escura, contendo ossos de peixe e grande quantidade de pedras trabalhadas e seixos, no Bairro da Cal, paradeiro antes muito grande e do qual se retirou a maior parte das peças conhecidas como dos sambaquis de Torres”.

Em 1966, os arqueólogos que assinam a ficha realizaram coleta superficial e abriram cortes para identificar a espessura das camadas, sendo quatro cortes de 20 x 20 cm e um de 70 cm.

Os materiais da coleta de superfície, amostras 80 e 81 do catálogo, vindos do Sambaqui de Torres, totalizam 4 fragmentos de borda e 8 fragmentos de corpo da Tradição Taquara, 5 fragmentos de borda e 100 fragmentos de corpo da Tradição Tupiguarani, 3 fragmentos de cachimbos, 1 fragmento de asa de cerâmica (Figura 21), 3 bases planas (Figura 20). Entre o material lítico há três artefatos com marcas iniciais de “quebra-coquinho”. Existem também alguns poucos fragmentos ósseos que não foram analisados.

O material encontrado na intervenção e guardado no IAP, sob o número de catálogo 138, são uma lâmina de machado e um batedor (Figura 10). Na época

da intervenção o sítio já estava quase completamente destruído. Anteriormente eram encontrados zoófitos, pontas, lâminas de machado e quebra-coquinhos.

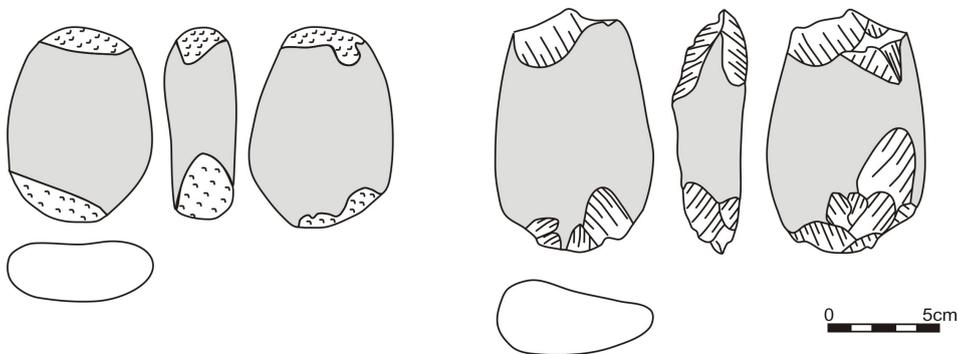


Figura 10. Material lítico recolhido no sítio RS-98. Fonte: produzido pelo primeiro autor.

RS-99, sambaqui da Guarita

Segundo ficha assinada por P.I. Schmitz, J.P. Brochado, M. Bombin e I.I. Basile Becker, de 24.07.1966, o “Sambaqui da Guarita” era um sambaqui localizado no município de Torres, junto à praia da Guarita, a cerca 300 m das conhecidas torres de pedra, que dão o nome ao lugar. O sambaqui media, então, 150 x 55 m de diâmetro e 3,10 m de altura.

Eles fizeram o registro, a medição e a prospecção das camadas estratigráficas do sítio. Na intervenção foi realizada a limpeza de cortes e barrancos existentes nas margens da elevação principal, identificando uma camada de “20 cm de conchas concrecionadas, as quais atingem em outras partes até 30 cm de espessura. A camada inclina-se em diversas direções”. No período da pesquisa no sítio havia “perturbações importantes, restando muito pouco do sambaqui original, que serviu para a feitura de cal e que o vento atualmente termina de destruir”.

A camada que ainda existia oscilava entre 5 e 30 cm de espessura. Moradores do local relataram a presença de materiais lascados e polidos, cerâmica de origem europeia e indígena, sepultamentos com esqueletos estendidos de bruços, “bolas”, fusos, lâminas de machado, pesos de rede, entre outros objetos.

O material deste sítio que está guardado no IAP (número 85 do catálogo) é constituído por artefatos líticos, cerâmicos e um fragmento de conta. Entre o lítico existem seis artefatos (Figura 11) e cinco fragmentos. A amostra de cerâmica Tupiguarani é formada por 4 fragmentos de borda e 60 fragmentos de corpo. A amostra cerâmica de origem colonial possui 14 fragmentos de borda, 12 fragmentos de corpo, 1 fragmento de base plana (Figura 20), 2 fragmentos de alças, 1 fragmento de conta (Figura 21). Existem também na amostra 1 fragmento de borda e 6 fragmentos de corpo da Tradição Taquara.

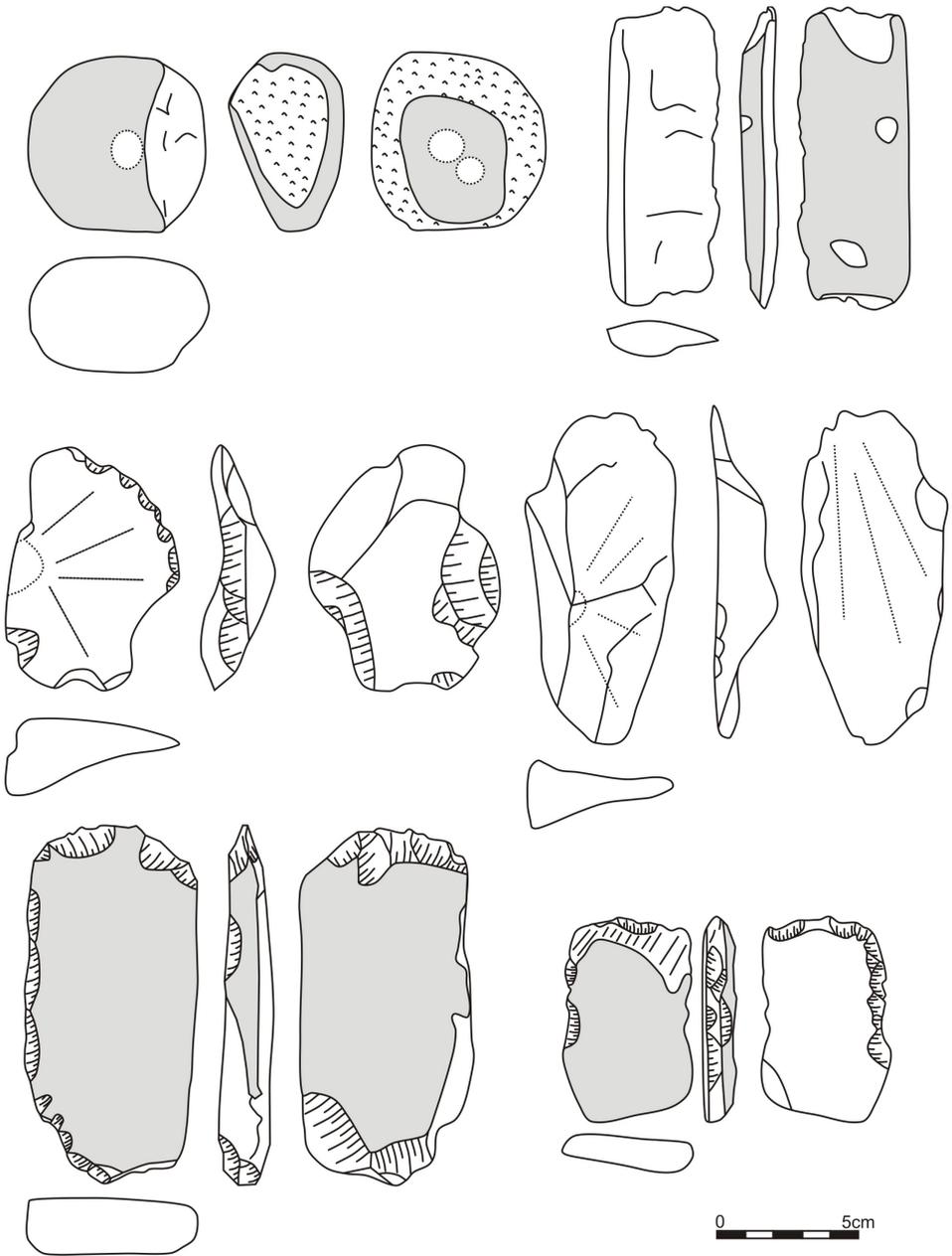


Figura 11. Material lítico recolhido no sítio RS-98. Fonte: produzido pelo primeiro autor

RS-100, sambaqui Morro das Pedras

Segundo ficha assinada por P.I. Schmitz, J.P. Brochado, M. Bombin e I.I. Basile Becker, de 26.07.1967, o sítio RS-100, Sambaqui Morro das Pedras, era um “montículo de forma elíptica” com diâmetro de 150 x 60 m, altura de 9,5 m e cobrindo cerca de 4.000 m², em meio a um terreno plano, pantanoso e inundável, usado para plantação de arroz, que se estende até o rio Monteiro, distante uns 500 m. Numa porção o montículo era cercado por afloramento de colunas de basalto, formando um tipo de muro. Sobre o sítio havia uma casa e junto desta se faziam plantações nas quais foram encontrados ossos humanos. No geral, o sítio estava bem conservado. Os arqueólogos mediram, inspecionaram e abriram dois cortes estratigráficos no sítio (Figura 12).

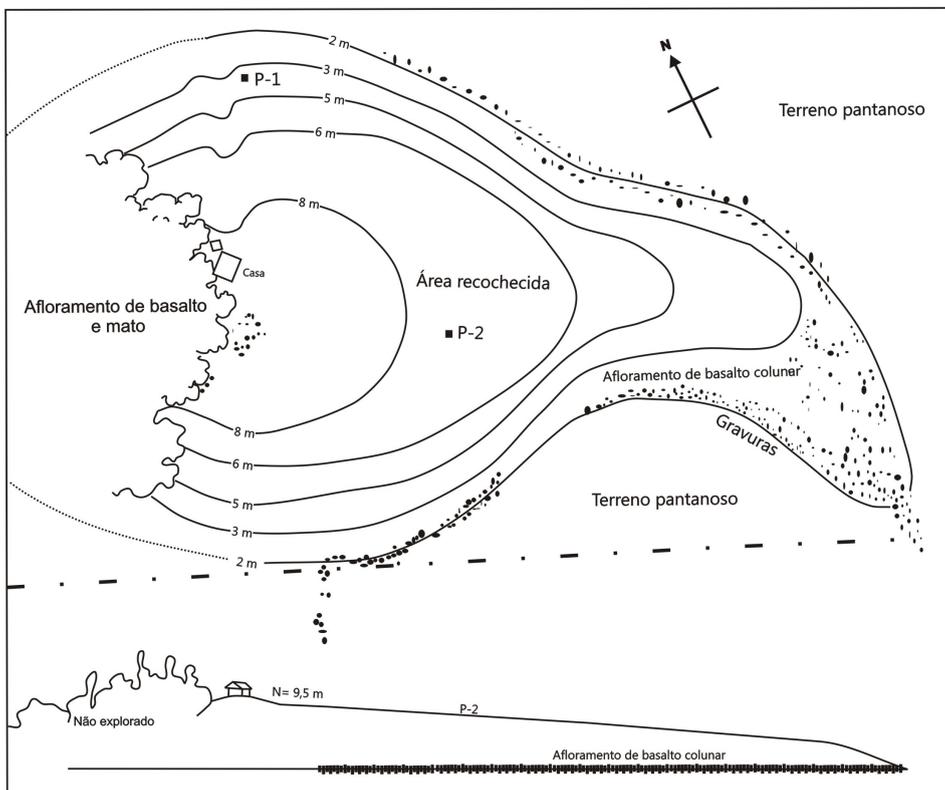


Figura 12. Croqui do sítio RS-100. Fonte: reproduzido de croqui que acompanha a ficha.

O corte 1, de 100 x 70 cm. De 0 a 90 cm é terra pardo-escuro só com carapaças de *Erodona mactroides*; de 90 a 120 cm é terra pardo-escuro, com gastrópodes lacustres e muitos quebra-coquinhos, um peso-de-rede e outros materiais polidos; de 120 a 150 cm, areia mais clara com *Erodona mactroides* e Ampulárias; de 150 a 230 cm, terra pardo-escuro com gastrópodes lacustres, às vezes em conglomerados; de 230 em diante novamente *Erodona mactroides*.

O corte 2, também de 100 x 70 cm. De 0-15 cm terra preta, humosa e compacta, sem conchas, com ossos humanos espalhados pelo terreno revolvido pelo arado; 15-70 cm terra semelhante com quebra-coquinhos; 70 a 100 cm o mesmo solo com carvões, sementes calcinadas e raras lentes de carvão; de 100 cm em diante solo amarelado com rochas em decomposição.

Em colunas de basalto que cercam o sítio, existem ranhuras que “Bombim interpretou como gravações rupestres. Os motivos são geometrizantes: quadriculados; pequenos traços paralelos, dispostos em ângulo em relação com um outro maior horizontal; e orbiculares”. Nestas gravuras os “traços são finos e profundos, parecendo ter sido obtidos por raspagem com instrumentos de gume estreito”. Tais Vargas Lima (1998) estudou estas gravuras em sua dissertação de mestrado.

O material foi recolhido ao Gabinete de Arqueologia da UFRGS.

RS-201, 202 e 203, sambaquis de Itapeva

Segundo ficha assinada por P.I. Schmitz, J.P. Brochado, M. Bombim e I.I. Basile Becker, de 25/27.07.1966, o Sambaqui de Itapeva 1 encontrava-se a 300 m do Oceano sobre o terceiro dos montes a contar da Itapeva e media 65 x 45 m e 145 cm de espessura. Em tempos históricos existia sobre ele uma casa, cuja moradora se chamava Rosa. Na coleta de superfície apareceu grande quantidade de cerâmica com verniz amarelo, além de muitas pedras e alguns artefatos indígenas. Foram feitos 3 cortes estratigráficos (Figura 13):

P 1, pequeno, na base da elevação, ao lado do antigo caminho da moradora Rosa, no qual, até os 20 cm de profundidade, apareceram muitos ossos de peixes e conchas.

P 2, sobre o cômodo, com 40 cm de lado; até os 40 cm terra argilosa, escura, com alguns ossos; de 40 a 60 cm camada de conchas com pouca areia.

P 3, sobre o cômodo, perto do P 2, medindo 110 x 60 m de lado. Na superfície, cerâmica inclusive europeia, seixos, lascas e núcleos; de 02-40 cm, sedimento arenoso escuro; de 40-100 cm, sedimento arenoso escuro, com carvão, ossos de peixe e de cetáceos grandes, muitos quebra-coquinhos inclusive um pequeno blocos com muitos quebra-coquinhos; de 100-110 cm, camada compacta de conchas de origem marinha e terrestre e ossos de peixe; de 110-120 cm, grande quantidade de conchinhas e grandes conchas do alto-mar, carvão e ossos de peixe, um percutor de dois lados; de 120-145 cm, sedimentos escuros com carvão, conchas esparsas e bastantes pedras quebradas, fragmentos de conchas grandes de alto-mar; de 145 cm em diante sedimento marrom-escuro compacto, com o qual foi encerrada a escavação.

Segundo ficha de 27.07.1966 assinada pelos mesmos arqueólogos, o sambaqui de Itapeva 2, bastante conservado, estava 25 m ao sul do anterior e media 20 x 25 m e 105 cm de espessura. Nele foi aberto um corte estratigráfico de 90 x 50 cm, aprofundado até 110 cm. A estratigrafia mostra uma alternância de camadas arenosas com carapaças trituradas de moluscos, ossos de peixe, carvão e poucos artefatos.

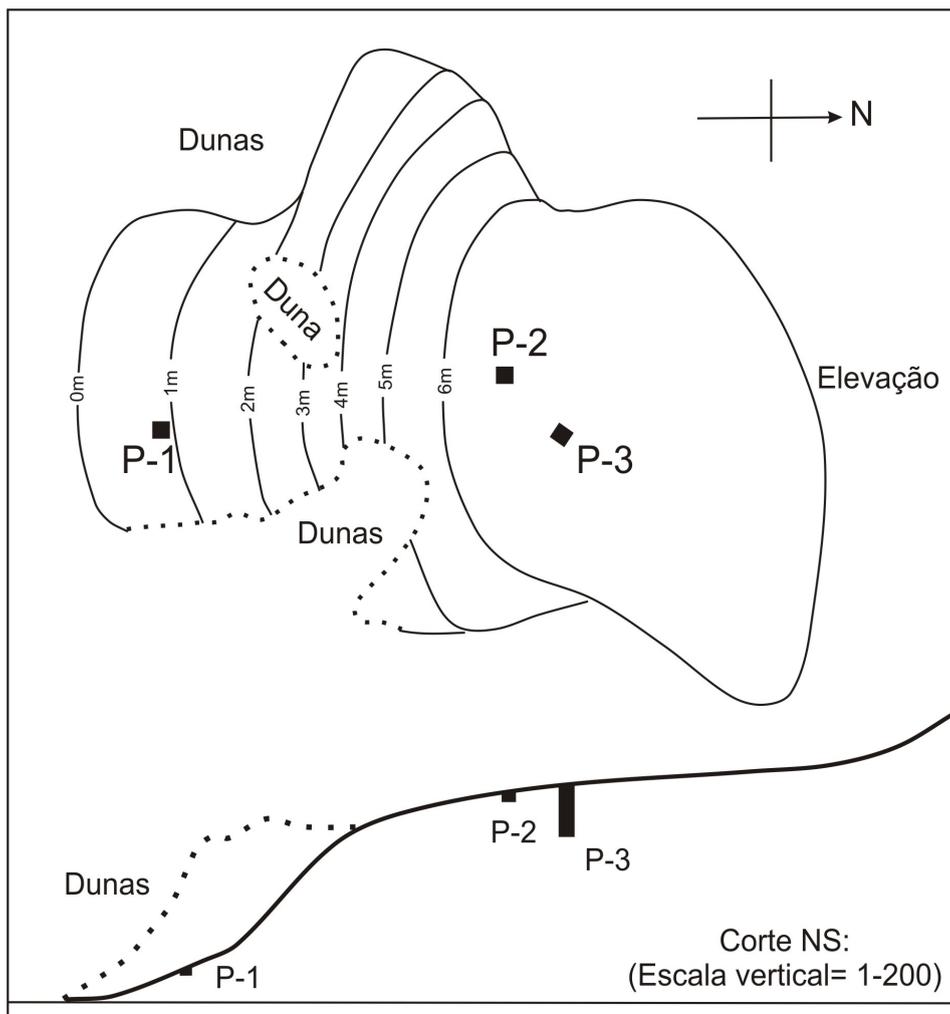


Figura 13. Croqui do sítio RS-201. Fonte: reproduzido de croqui que acompanha a ficha.

Segundo ficha dos mesmos arqueólogos, de 27.07.1966, o sambaqui de Itapeva 3, ainda na ponta da Itapeva, porém mais próximo do Oceano, medeia 25 x 35 m e 30 cm de espessura; estava demarcado por um afloramento rochoso. Nele foi realizado um corte estratigráfico que nos primeiros 10 cm tinha areia branca, fina e solta; de 10 a 30 cm sedimento arenoso com conchas; abaixo, sedimento argiloso escuro. Não se encontraram artefatos.

O número de catálogo 84 possui material de coleta no Sambaqui de Itapeva; 11 artefatos líticos (Figura 14), 2 fragmentos de bordas e 29 fragmentos de corpo da Tradição Tupiguarani, uma conta, um fragmento de cachimbo e fragmentos de alças (Figura 21). Existem ainda fragmentos de ossos, incluindo três de dentes humanos, que não foram analisados, e pequenos objetos de metal.

Em momentos posteriores, Kern (1984, 1985); Kern; La Salvia; Naue (1985) realizaram duas temporadas de sítio-escola nos sambaquis de Itapeva; os biólogos do IAP Jacobus e Gil (1987), Gazzaneo, Jacobus e Momberger (1989) e Rosa (1996) analisaram os restos biológicos recuperados.

O material foi levado para o Gabinete de Arqueologia da UFRGS.

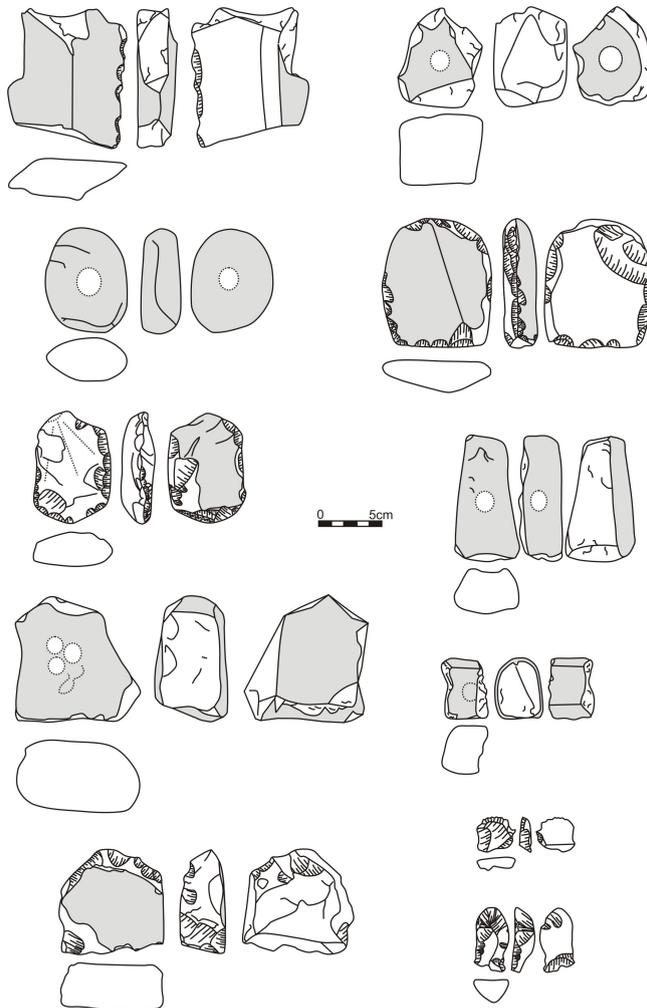


Figura 14. Material recolhido em RS-211, 212 e 213. Fonte: produzido pelo primeiro autor.

RS-204, assentamento cerâmico entre Itapeva e Lagoa do Jardim

Os mesmos, ficha de 25.07.1967, inspecionaram um sítio entre Itapeva e Lagoa do Jardim e fizeram coleta de cerâmica Taquara e Tupiguarani espalhada em pequenos grupos num sistema de dunas.

RS-205, assentamento cerâmico em Lagoa do Jardim

Os mesmos, ficha de 25.07.1967, junto a pequeno arroio que dá na Lagoa do Jardim, visitaram um sítio em que havia cerâmica Taquara, em agrupamentos distribuídos sobre areia numa área de 20 x 100 m.

RS-206, assentamento cerâmico na Praia da Riviera

Os mesmos, ficha 25.07.1967, na Praia da Riviera, inspecionaram pequenos casquetes (10 m de diâmetro) de conchas sobre montículos naturais em ao menos cinco pontos do loteamento da Praia da Riviera. Além de conchas havia cerâmica e pedra polida.

RS-207, sambaquis do Coati

Os mesmos, ficha de 28.07.1967, na Praia Cura d'Ars, região do Coati, visitaram dois sambaquis de conchinhas brancas e limpas, distantes uns 700 m da água, onde terminam as dunas. Os sambaquis, que medem 4 m de altura, estão próximos um do outro e nos seus arredores aparecia cerâmica Taquara.

RS-208, sambaqui de Areia Grande.

Os mesmos, ficha de 27.07.1967, em Areia Grande, Torres, inspecionaram um montículo elíptico, isolado, de uns 800 m², 140 cm de espessura e 3,80 m de altura, cercado por terreno pantanoso, distando uns 1.600 m do Morro das Pedras. Sobre o sítio foram realizados 4 cortes estratigráficos, que chegaram até 140 cm de profundidade, onde começava a filtrar água do lençol freático, impedindo continuação do corte. Até 75 cm de profundidade as camadas são de sedimentos escuros com coquinhos calcinados, carvões, raros ossos de peixe e pedras não trabalhadas. A partir deste ponto o sedimento é mais claro, com bastantes carvões, coquinhos calcinados e muitos ossos de peixe, conchas moídas de *Ostrea*.

O material que aparece compõe-se de esqueletos humanos escavados por curiosos, de quebra-coquinhos e polidores.

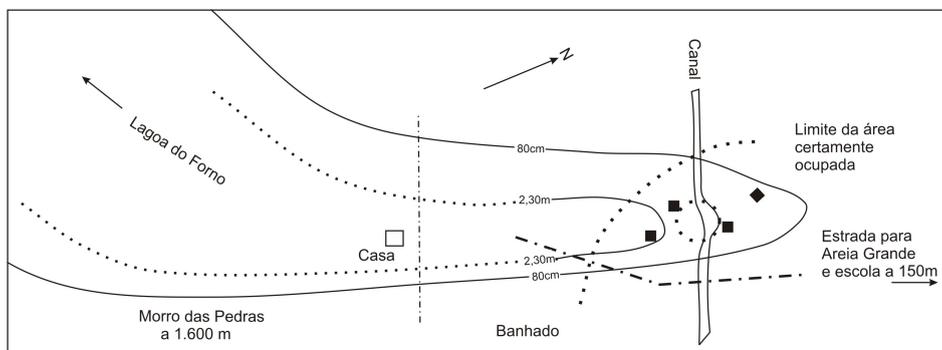


Figura 15. Croqui do sítio RS-208. Fonte: reproduzido do croqui que acompanha a ficha.

Amostras avulsas

No acervo ainda existem três amostras de materiais coletados em superfície na região litorânea e que não possuem ficha de sítio.

A amostra 53 do catálogo, proveniente da Praia de Areias Brancas, município de Arroio do Sal, é composta por 2 fragmentos de bordas e 15 fragmentos de corpo da Tradição Taquara. Entre o material lítico há dois fragmentos de plaquetas sem uso, um fragmento com marca de lascamento por fogo, um fragmento de percutor partido por fogo, 13 lascas com tamanho máximo de 5 cm, 3 fragmentos colunares, 8 fragmentos na média de 4 cm e sem uso, 19 fragmentos de seixos partidos por fogo, 2 seixos inteiros sem uso e 1 fragmento de hematita.

A amostra 42, do catálogo do Gabinete de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, possui 2 fragmentos de borda da Tradição Taquara, provavelmente recolhidos nos trabalhos de Schmitz, Brochado, Bombin e Basile Becker.

A amostra 79 do catálogo é do Balneário Gaivota, no litoral sul de Santa Catarina; é formada por 2 fragmentos de bordas e 38 fragmentos de corpo da Tradição Taquara.

A ocupação da área

Os sítios e materiais deste artigo são um acréscimo ao que se conhecia do povoamento do litoral norte do Rio Grande do Sul por populações indígenas e o começo da colonização europeia. A estreita planície costeira, entre a íngreme encosta do planalto e as praias do Oceano oferecia recursos para instalações diferentes: caçadores e coletores pré-cerâmicos da Tradição Umbu, que tinham assentamentos milenares em abrigos rochosos da encosta, ali vieram acampar; pescadores e coletores pré-cerâmicos de moluscos da Tradição dos Sambaquis, que tinham domínio milenar do litoral de Santa Catarina até o Espírito Santo, estabeleceram aí seus assentamentos mais meridionais; populações ceramistas da Tradição Vieira, das áreas alagadiças do Sul do Rio Grande do Sul e Uruguai, têm aí seu limite setentrional; populações ceramistas da Tradição Tupiguarani, que se vinham expandindo pelas florestas temperadas da encosta do planalto, acharam o solo da planície adequado para construir aldeias; e os ceramistas da Tradição Taquara, que dominavam o planalto das araucárias, encontraram ali recursos alternativos para a semente do pinheiro.

Os primeiros núcleos coloniais portugueses do Sudeste vinham à região buscar mão de obra indígena, depois usaram a estreita passagem entre o mar e o planalto para transportar o gado dos campos sulinos para abastecer as Minas e, finalmente, se estabeleceram em primitivas estâncias e, com a chegada de casais açorianos, em agricultura familiar.

Pontas de projétil atribuídas à Tradição Umbu são raras na planície. Segundo Dias (2003), os dados arqueológicos as relacionam com a estabilização progressiva das linhas de costas e o movimento transgressão-regressão marinha, característicos do Holoceno, que possibilitava os assentamentos exploratórios, e também os podia destruir. Sua origem seriam os abrigos da encosta do planalto, onde Miller (1969, 1974) escavou e datou um assentamento

(RS-LN-1), conseguindo datas de 4.280 ± 180 A.P. (SI-233), 5.680 ± 240 A.P. (SI-235) e 5.950 ± 190 A.P. (SI-234).

Os sítios pré-cerâmicos representados pelos sambaquis são conhecidos na região pelos aglomerados de restos faunísticos, principalmente de peixes e moluscos e seus característicos artefatos líticos lascados e polidos. Os assentamentos desse grupo cobrem cronologias entre 3.050 e 3.600 anos atrás (Rogge; Schmitz, 2010; Wagner, 2009). Estes sítios se localizam em áreas de cordões arenosos paralelos à linha de costa atual, onde foram expostos pela ação do vento.

O primeiro grupo ceramista a chegar na região, no século V de nossa Era, é o da Tradição Vieira, cujos domínios estão nos campos sulinos (Schmitz; Raupp, 2013).

Grupos ceramistas da Tradição Tupiguarani e da Tradição Taquara deixaram numerosos assentamentos, os primeiros como aldeias nas terras férteis da proximidade das lagoas; os segundos muitos acampamentos sob a forma de pequenos concheiros próximos da praia. Como o material cerâmico dos assentamentos foi, em sua maior parte, coletado em superfície, é difícil perceber claramente o processo de ocupação. Eles, entretanto, permitem uma visualização geral da apropriação do espaço, colaborando com a afirmação de pesquisas recentes de que essas populações ocuparam o espaço, predominantemente, em momentos distintos. Em cortes estratigráficos realizados por Miller (Werlang, 1981) a cerâmica Taquara costuma estar sobre a cerâmica da Tradição Tupiguarani.

Os sítios atribuídos à Tradição Taquara ainda não possuem datas confiáveis para as ocupações, visto que se trata de acampamentos de menor densidade arqueológica e não foram objeto de registro minucioso. No Morro da Formiga, na cidade de Taquara, no vizinho vale do Rio dos Sinos, Eurico Th. Miller (1967) definiu a Tradição Taquara e obteve, junto de manchas escuras das choupanas de uma aldeia, a data de 1.190 ± 100 A.P. (SI-409). No litoral central e setentrional de Santa Catarina ocupações com cerâmica da tradição Taquara/Itararé começam a aparecer em torno do século IX de nossa Era. A partir dessa data existiam ali aldeias voltadas para a exploração de caça, pesca e coleta de recursos litorâneos. Estas aldeias perduraram até o século XII, quando desapareceram do registro, possivelmente em decorrência do avanço Guarani pela planície (Schmitz, 2013).

Os assentamentos da Tradição Tupiguarani são, por um lado, pequenos acampamentos de coleta e pesca na proximidade do Oceano (Schmitz coord., 2006) e, por outro, aldeias semi-sedentárias nas terras férteis do entorno das lagoas como o RS-08 deste artigo, o da Lagoa dos Índios publicado por Schmitz e Sandrin (2009) e os estudados por Wagner (2004). Miller conseguiu datas para dois desses sítios. No corte 1 do RS-LN-16 existem duas datas para a profundidade de 20 a 40 cm: 520 ± 200 A.P. (SI-410) e 540 ± 100 A.P. (SI-411). No corte 2 do RS-LN-35, também existem duas datas para a profundidade de 20-30 cm: 870 ± 100 A.P. (SI-412) e 1070 ± 110 A.P. (SI-413). Elas são pouco precisas por causa da grande margem de erro, característica do começo do processo de datação radiocarbônica. A cronologia desses sítios também pode

ser estimada comparando-a com a de assentamentos no litoral meridional de Santa Catarina, onde Milheira (2010) obteve datas entre 720 e 610 anos A.P. e com a de sítios do Litoral Central do Rio Grande do Sul, onde existe uma data de 563 ± 45 anos A.P. (Schmitz, coord., 2006) e, ainda, com sítios da Planície Costeira Meridional do mesmo Estado, onde existem datas de 530 ± 50 A.P. e 510 ± 70 A.P. (Milheira, 2008). A ocupação tupiguarani da planície costeira se estenderia, então, do século XV ao início do século XVII, quando os paulistas teriam levado os moradores para servirem em suas fazendas.

Associando as tradições arqueológicas e com as populações indígenas historicamente conhecidas, Wagner (2004) conclui que as populações horticultoras Guarani teriam estado relacionadas às porções de florestas localizadas próximas às lagoas. A ocupação destes espaços permitiria ao Guarani obter tanto caça, pesca e coleta quanto o domínio dos setores férteis das várzeas apropriados a seus cultivos.

Os horticultores do Planalto possuiriam domínio de extensão vertical, ocupando três ambientes: o planalto, a encosta e a planície litorânea. Na planície, estas populações encontrariam suprimentos proteicos, vindos da ingestão direta e da estocagem de moluscos encontrados nas zonas de banhados e nas praias.

A crescente expansão do Guarani sobre a planície tenderia a impedir, a limitar ou a regular, num primeiro momento, o “acesso dos grupos planálticos aos recursos litorâneos, levando ao progressivo abandono destas estratégias de subsistência em função das pressões expansivas” (p. 284). Esta situação pode ter ocorrido, como no vale do Rio dos Sinos, onde a Tradição Taquara precede por séculos à Tupiguarani (Miller, 1967; Dias, 2015). No entanto, no Litoral Norte, os cortes estratigráficos realizados por Miller (segundo Werlang, 1981), costumam ter a cerâmica Taquara por cima da ocupação Tupiguarani, como se a população do planalto tivesse ocupado (novamente) o espaço depois da retirada dos Guaranis na passagem do século XVI para o século XVII.

Após a ocupação pré-histórica da área chegaram os colonizadores europeus, que desestruturaram as antigas ocupações indígenas. Esta presença do colonizador pode ser percebida em alguns dos sítios estudados nos quais (RS-08, 98, 99 e 2001) foram encontradas contas de vidro, cachimbos, cerâmica ou louça. Estes materiais podem ser resultado de escambo entre indígenas e colonizadores, de trocas presenciais ou à distância entre populações e até de simples sobreposição de assentamentos. Segundo Wagner (2004: 305), que também identificou sítios com materiais coloniais, este novo processo colonizador ibérico teria mudado as “relações de domínio dos conquistadores guaranis, relegando-os à condição de subjugados” e o “modo de vida, o sistema de assentamento, uso do espaço e sistema econômico teria sido igualmente desestruturado”.

Os materiais cerâmicos estudados neste artigo diferem daqueles, mais completos, provenientes do município de Três Cachoeiras, estudados Mergen e Schmitz (2013), os quais, na opinião dos autores, seriam testemunho de um estabelecimento luso de criação de gado no século XVIII.

PALAVRAS FINAIS

Os museus e instituições acadêmicas guardam muitas coleções, algumas feitas por amadores, outras por pesquisadores que, na busca de sempre novos projetos, esquecem os materiais guardados em suas reservas técnicas. O artigo produzido recuperou levantamentos e coletas do tempo em que a arqueologia brasileira ainda não se tinha definido e apenas começava a pensar os primeiros projetos. A maior parte dos sítios relacionados no artigo não mais existem e, se algum resto subsiste, já não tem estratigrafia e material como mostrou o trabalho de Jussara L. Becker na área cinquenta anos depois.

Neste sentido consideramos que a volta às fichas de registro e às coletas correspondentes pode ser útil para completar o quadro de povoamento do litoral norte do Estado do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BECKER, J.L. 2007, 2008. *O homem pré-histórico no Litoral Norte, RS, Brasil, de Torres à Tramandaí*. Volume 1 e 3. Torres: Gráfica e editora TC.
- BISCHOFF, T. 1928. Sobre os sambaquis no estado do Rio Grande do Sul. *Revista do Museu e Archivo Público do Rio Grande do Sul* 21: 11-42.
- BROCHADO, J.P. 1969. Histórico das Pesquisas Arqueológicas no Estado do Rio Grande do Sul. *Iheringia, série Antropologia* 1: 3-42.
- BURGER, M.I. & RAMOS, R.A. 2007. Áreas importantes para conservação na Planície Costeira do Rio Grande do Sul. In: BECKER, F.G.; RAMOS, R.A.; MOURA, L.A. (Org.). *Biodiversidade. Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazaís de Tapes, planície costeira do Rio Grande do Sul*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente/SBF 25: 46-56.
- DIAS, A.S. 2003. *Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP (Tese de Doutorado).
- DIAS, J.L.Z. 2015. *Arqueologia no Médio Vale do Rio dos Sinos e Vale do Rio Paranhana: o processo de ocupação pelos grupos ceramistas das tradições Taquara e Tupiguarani*. São Leopoldo: UNISINOS (Tese de Doutorado).
- FERRASSO, S.; ROGGE, J.H.; SCHMITZ, P.I. 2013. Composição arqueofaunística do sítio RS-LN-285, Arroio do Sal, RS, Brasil. *Pesquisas, Antropologia* 68: 217-230.
- FICHAS do Registro dos Sítios Arqueológicos do Rio Grande Do Sul. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo.
- FREDIANI, A. 1952. Os sambaquis e o litoral de Torres. *Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul* 2: 243-249.
- GAZZANEO, M.; JACOBUS, A.L.; MOMBERGER, S. 1989. O uso da Fauna pelos Ocupantes do Sítio de Itapeva (Torres, RS). *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 03: 123-144.
- HILBERT, K. et al. 2000. *Vistoria Arqueológica Prévia na Rodovia RS 486 (km 0 a 11, 880m da BR 101 à Estrada do Mar; município de Terra de Areia/RS)*. Porto Alegre, agosto de 2.000. 80 p.
- JACOBUS, A.L.; CHAVEZ GIL, R. 1987. Primeira Comunicação sobre os Vestígios Faunísticos Recuperados no Sítio de Itapeva (Torres, RS). *Véritas* 32 (125): 115-119.
- KERN, A.A. 1970. Escavações em Sambaquis do Rio Grande do Sul. *Estudos Leopoldenses* 15: 203-220.

- KERN, A.A. 1984. Aplicação dos Métodos Estratigráficos e de Decapagem no Sítio Litorâneo de Itapeva (Torres, RS). *Revista de Pré-História* 6: 163-166.
- KERN, A.A. 1985. Sondagens no Sítio Arqueológico de Xangrilá: uma experiência didática em Arqueologia de Salvamento. *Revista do IFCH-UFRGS* 13: 84-110.
- KERN, A.A. 1989. Pescadores-coletores pré-históricos do litoral norte. *Arqueologia do Rio Grande Do Sul, Brasil. Documentos* 03: 107-122.
- KERN, A.A. 1991. Pescadores-coletores pré-históricos do litoral norte. In: KERN, A. A. (Org.). *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, p.167-189.
- KERN, A.A. 1996. Origens pré-históricas do povoamento de Torres. *Anais da VIII reunião científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 2: 121-140.
- KERN, A.A.; LA SALVIA, F.; NAUE, G. 1985. Projeto Arqueológico do Litoral Setentrional do Rio Grande do Sul: O Sítio Arqueológico de Itapeva, Município de Torres. *Véritas* 30(120): 571-585.
- LEITE, S. 1995. Sítio RS-LN-01, Capão da Areia, Osório, RS. *Estudos Ibero-americanos* 21(2): 33-62.
- LIMA, T.V. *Gravuras rupestres no Estado do Rio Grande do Sul/Brasil*. Processos de documentação – Salvamento e Educação para sua preservação e Valorização. Porto Alegre, PUCRS (Dissertação de mestrado).
- MACHADO, T.M. 2016. *A ocupação Tupiguarani no Litoral Norte do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo, UNISINOS (Trabalho de conclusão de curso).
- MENTZ RIBEIRO, P.A. 1982. Breve Notícia sobre a ocorrência de Zoólito no Sambaqui de Xangrilá, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA* 11: 35-44.
- MERGEN, N.M.; SCHMITZ, P.I. 2013. Um assentamento do início da ocupação lusa no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia* 70: 255-275.
- MILHEIRA, R.G. 2008. *Território e estratégia de assentamento Guarani na planície sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste-RS*. São Paulo: USP (Dissertação de Mestrado).
- MILHEIRA, R.G. 2010. *Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense: História e Território*. São Paulo: USP (Tese de Doutorado).
- MILLER, E.T. 1966. *Sítios arqueológicos de Torres*. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, (Datilografado). 61 p.
- MILLER, E.T. 1967. Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul. *Publicações avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi* 6: 15-38.
- MILLER, E.T. 1969. Resultados preliminares das escavações no sítio pré-cerâmico RS-LN-1: Cerrito Dalpiaz (abrigo sob rocha). *Iheringia, Antropologia* 1, Museu de Ciências Naturais.
- MILLER, E.T. 1974. Pesquisas arqueológicas em abrigos-sob-rocha no nordeste do Rio Grande do Sul. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi* 26: 11-24.
- MONTICELLI, G. et al. 2003. *Pesquisa Arqueológica em áreas afetadas pelas obras de duplicação da rodovia BR 101: municípios de Torres a Osório*, Rio Grande do Sul. Vol I, II e III. Porto Alegre, MCT.
- NEUMANN, M.A. 2014. A cerâmica guarani do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. In: MILHEIRA, R.G.; WAGNER, G.P. (Org.). *Arqueologia guarani no Litoral Sul do Brasil*. Curitiba, Editora Appris, p. 63-80.
- OLIVEIRA, L.D. et al. 2003. *Duplicação da rodovia BR-101 SC/RS: trecho Torres-Osório. Estudo do patrimônio histórico e cultural na área de influência do empreendimento*. PUCRS – MCT, 133 p.
- ROGGE, J.H. & SCHMITZ, P.I. 2010. Projeto Arroio do Sal: a ocupação indígena pré-histórica no Litoral Norte do RS. *Pesquisas, Antropologia* 68: 167-225.

- ROSA, A.O. 1996. Análise dos restos faunísticos do sítio arqueológico da Itapeva (RS-LN-201), município de Torres, RS: segunda etapa de escavação. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil, Documentos* 06:157-164.
- SCHMITZ, P.I. 1958. Parapeiros guaranis em Osório, Rio Grande do Sul. *Pesquisas* 2: 113-143.
- SCHMITZ, P.I. (Coord.) 2006. A ocupação pré-histórica do Litoral Meridional do Brasil. *Pesquisas, Antropologia* 63.
- SCHMITZ, P.I. 2013. A ocupação pré-histórica do Estado de Santa Catarina. *Revista Tempos Acadêmicos*, Dossiê Arqueologia Pré-Histórica, n.11, p. 6-24.
- SCHMITZ, P.I.; SANDRIN, C. 2009. O Sítio Lagoa dos Índios e o Povoamento Guarani da Planície Costeira do Rio Grande do Sul. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 11: 89-134.
- SCHMITZ, P.I. & RAUPP, I.S. 2013. Onde acampar? O sítio arqueológico RS-LN-62: Interlagos em seu contexto regional histórico e ambiental. *Cadernos do LEPAARQ* 10(20): 63-92.
- SERRANO, A. 1937. Arqueologia brasileira, subsídios para a arqueologia do Brasil meridional. *Revista do Arquivo do Departamento de Cultura*, São Paulo 36: 3-42.
- SERRANO, A. 1972. *Lineas fundamentales de la arqueologia del litoral*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, Instituto de Antropologia.
- THADEU, V.L. 1995. *Inferências sobre o início do povoamento no litoral norte do Rio Grande do Sul: Um estudo do Sítio da Itapeva (RS-201)*. Porto Alegre, Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (Dissertação de mestrado). 160 p.
- TOCCHETTO, F.B. 1987. O meio ambiente e os grupos pré-históricos do Norte da Planície Costeira do RS: O sítio arqueológico de Itapeva. *Veritas* 32(126): 217-229.
- VILLWOCK, J.A. & TOMAZELLI, L.J. 2005. Mapeamento Geológico de Planícies Costeiras: o exemplo da costa do Rio Grande do Sul. In: *Gravel*, n. 3, p. 109-115.
- VILLWOCK, J.A. & TOMAZELLI, L.J. 2007. Planície Costeira do Rio Grande do Sul: gênese e paisagem atual. In: BECKER, F.G.; RAMOS, R.A; MOURA, L.A. (Org.). *Biodiversidade. Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, planície costeira do Rio Grande do Sul*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente/SBF, v. 25, p. 20-33.
- VON IHERING, H. 1894. Índios do Rio Grande do Sul. *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul (1895)*. Porto Alegre: Gundlach & Cia.
- VON KOSERITZ, C. 1884. *Bosquejos ethnologicos*. Porto Alegre: Gundlach e Cia.
- VON KOSERITZ, C. 1928. Subsídios Ethnographicos. *Revista do Museu e Arquivo Publico do Rio Grande do Sul*, Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia.
- WAGNER, G.P. 2004. *Ceramistas pré-coloniais do Litoral Norte*. Porto Alegre: PUC-RS (Dissertação Mestrado).
- WAGNER, G.P. 2009. *Sambaquis da Barreira da Itapeva, uma perspectiva Geoarqueológica*. Porto Alegre: PUC-RS (Tese de Doutorado).
- WAGNER, G.P. 2014. O povoamento guarani do Litoral Norte do Rio Grande do Sul e suas relações com os demais ocupantes da região. In: MILHEIRA, R.G.; WAGNER, G.P. (org.). *Arqueologia guarani no Litoral Sul do Brasil*. Curitiba, Editora Appris, p. 39-62.
- WERLANG, O.T. 1981. *Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: UNISINOS (Trabalho de Conclusão de Curso).

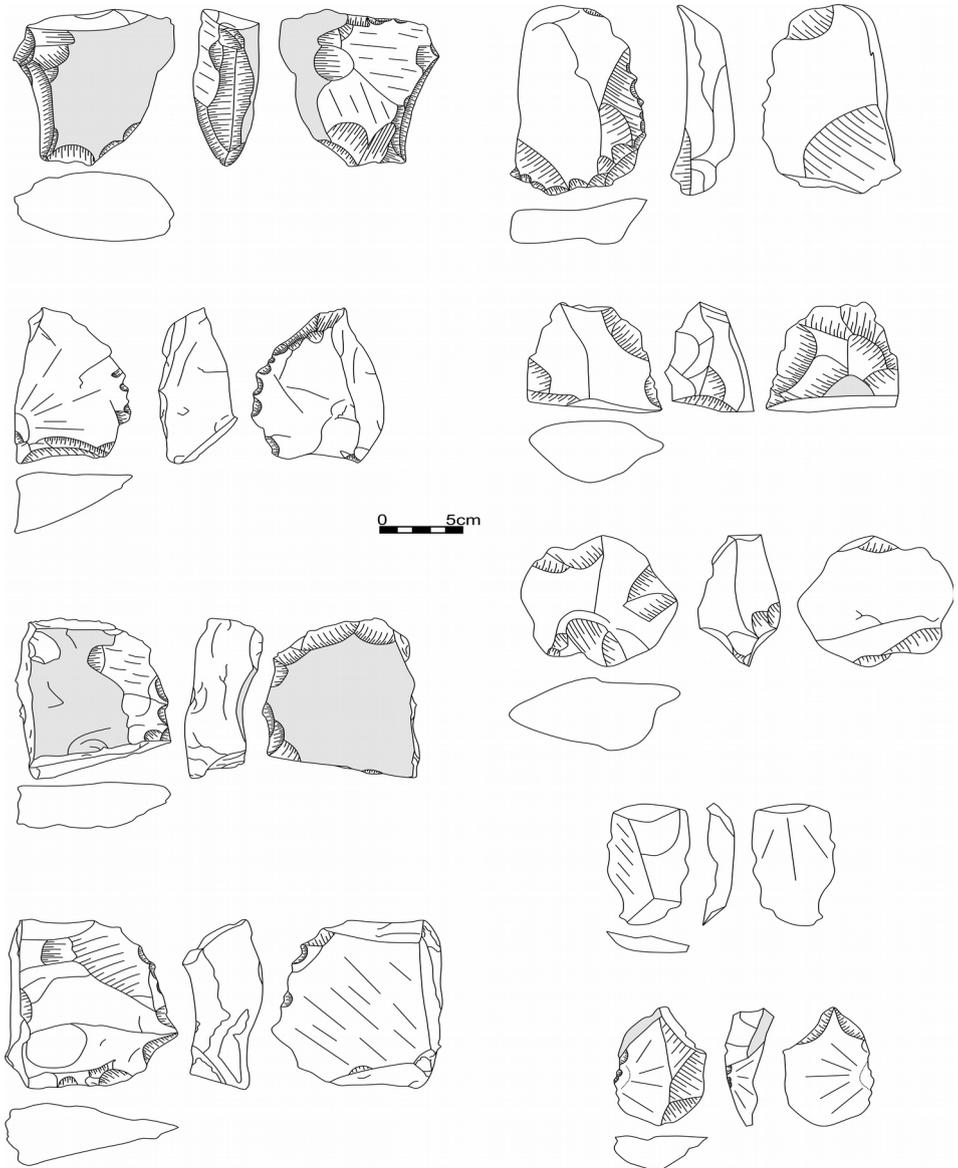


Figura 16. Artefatos líticos do sítio RS-08. Fonte: produzido pelo primeiro autor.

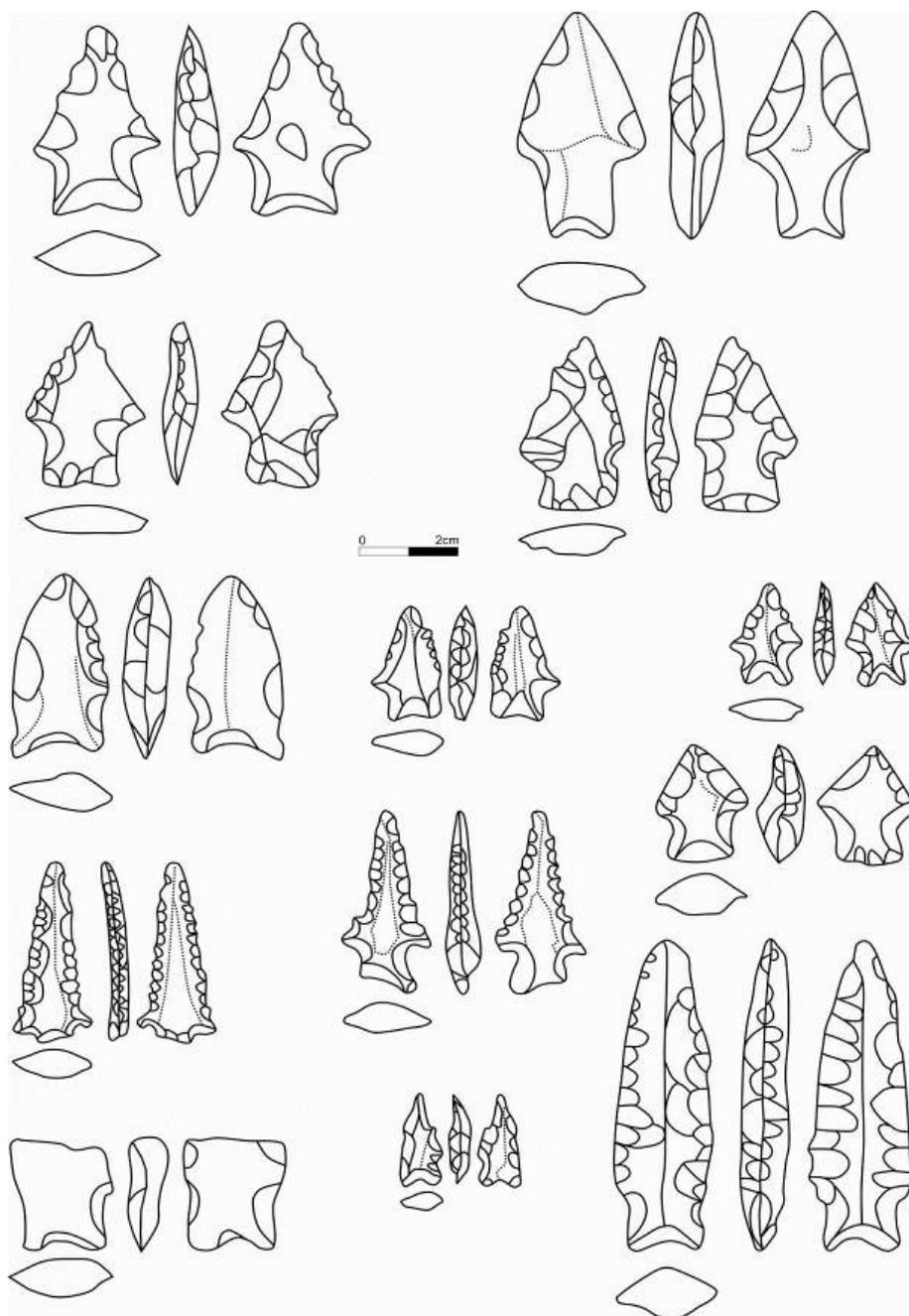


Figura 17. Pontas de projétil do sítio RS-08. Fonte: produzido pelo primeiro autor.



Figura 18. Cerâmica Tradição Taquara dos sítios estudados. Fonte: produzido pelo primeiro autor.



Figura 19. Cerâmica Tradição Tupiguarani dos sítios estudados. Fonte: produzido pelo primeiro autor.

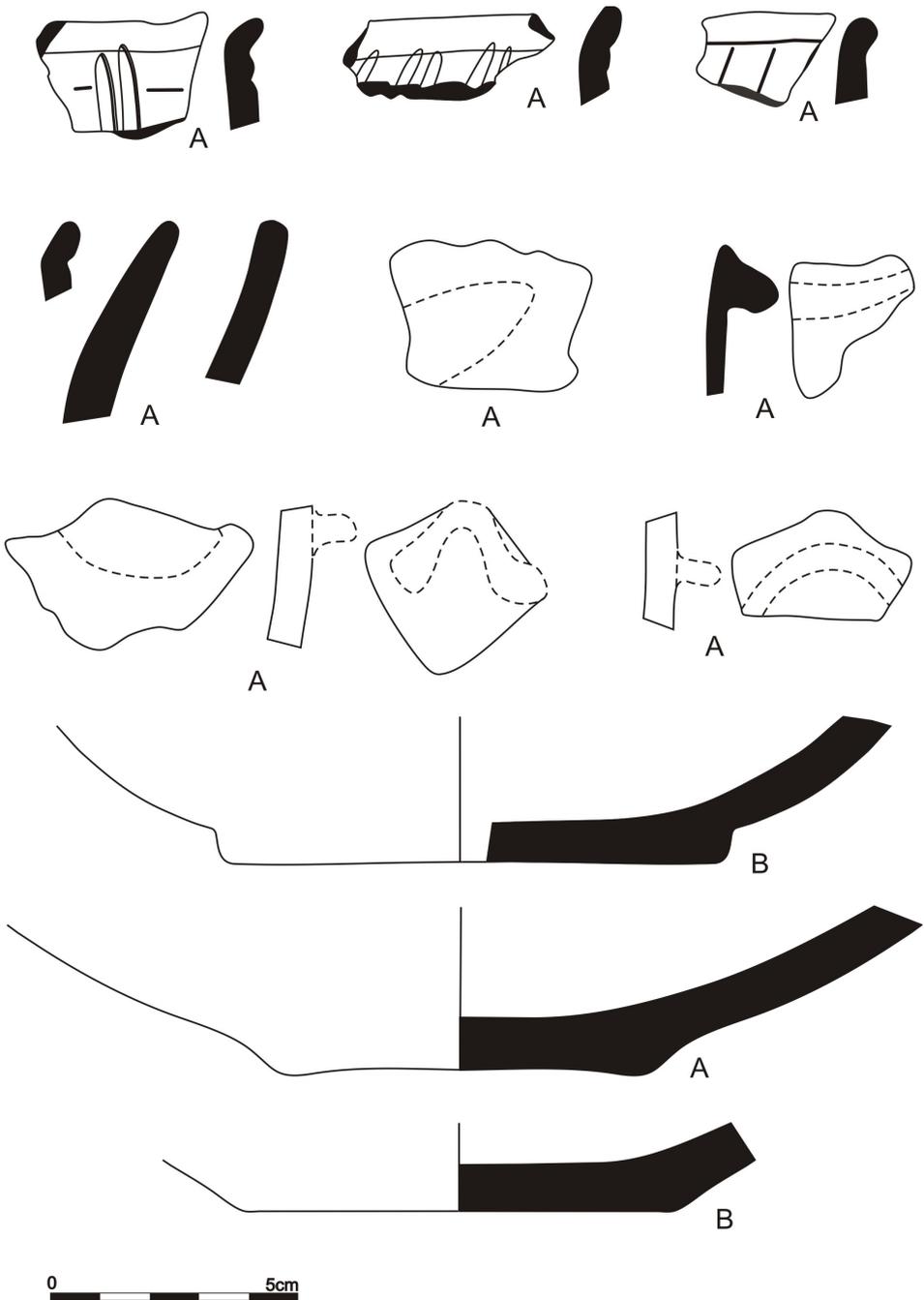


Figura 20. Cerâmica Colonial sítio RS-99 (A) e do sítio RS-98 (B). Fonte: produzido pelo primeiro autor.

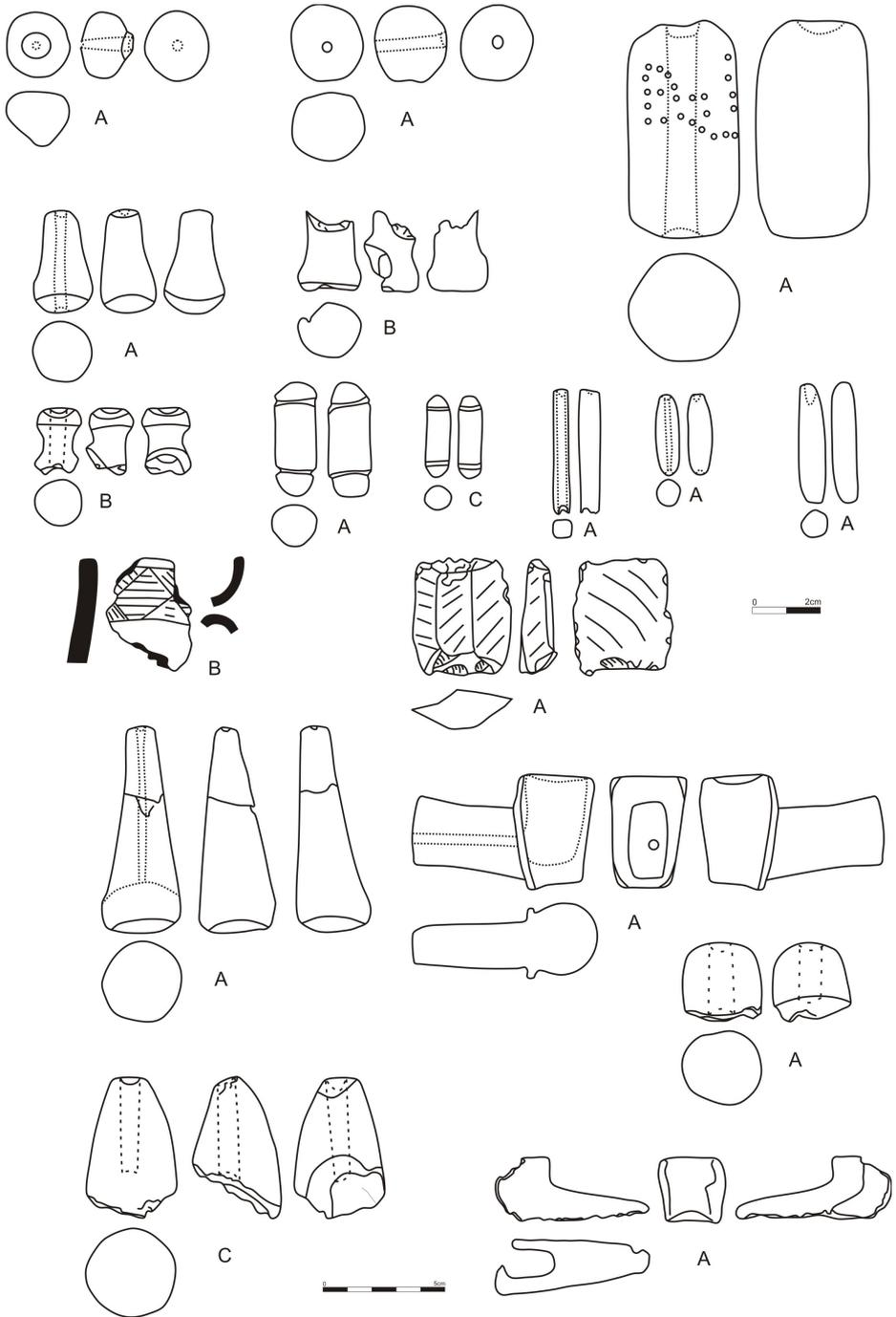


Figura 21. Objetos de procedência colonial do sítio RS-08 (A), do RS-98 (B) e do RS-99 (C). Fonte: produzido pelo primeiro autor.